



Memorial para Professor Titular (EM-UFRJ, 2016)*

*Samuel Araújo***

Resumo

Relato autobiográfico, descritivo e reflexivo sobre a trajetória profissional, carreira acadêmica e atuação política, escrito pelo etnomusicólogo Samuel Mello de Araújo Júnior (Rio de Janeiro, 1952–), por ocasião de seu concurso para Professor Titular na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2016.

Palavras-chave

Etnomusicologia no Brasil – etnografia – práxis sonora – pesquisa-ação participativa – música e política.

Abstract

Autobiographical, descriptive and reflective report on the professional trajectory, academic career and political performance, written by the ethnomusicologist Samuel Mello de Araújo Júnior (Rio de Janeiro, 1952–), on the occasion of his candidacy for Full Professor at the School of Music of the Federal University of Rio de Janeiro in 2016.

Keywords

Ethnomusicology in Brazil – ethnography – sound praxis – participatory action-research – music and politics.

* Memorial apresentado para promoção a Professor Titular junto à Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 25 de fevereiro de 2016, perante a comissão julgadora composta pelos professores Harlei Elbert (UFRJ), Carole Gubernikoff (UNIRIO), Martha Abreu (UFF), José Nunes (UNIRIO) e Nailson Simões (UNIRIO).

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: araujo.samuel@gmail.com.



Registrar em primeira pessoa um trajeto acadêmico mantendo objetividade e isenção possíveis é tarefa árdua, que implica revisão autocrítica de um conjunto de iniciativas envolvendo diferentes circunstâncias e graus de espontaneidade e indução, sucesso e fracasso, percebendo entre tais variáveis nexos mais ou menos estreitos, alguns mais óbvios, outros nem tanto, mas também enigmas e perplexidades. Os pontos que escolhi para traçar tal percurso quiçá o demonstrem.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Tomo como marco inicial meu ingresso por concurso público na carreira docente do ensino superior, em 1981, na Universidade Federal da Paraíba (doravante UFPB), como professor de disciplinas como Linguagem e Estruturação Musical, História da Música, Prática de Ensino da Música e Oficina Básica de Artes, eixos da então vigente Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Música, um dos desdobramentos da Lei Federal 5.692 de 1971. Promulgada em momento crítico do regime ditatorial encabeçado por setores obscurantistas das forças armadas e da sociedade civil, a “cinco-meia-nove-dois”, como a referíamos em nossos debates acadêmicos e profissionais de então, reformulara o currículo do ensino básico e conseqüentemente a formação de professores para o mesmo. No caso mais particular das artes, apontava para uma formação de professores em que música, artes cênicas e artes visuais, entendidas como linguagens, dever-se-iam apresentar de modo tão integrado quanto possível, ainda que mantido um certo grau de especialização (habilitação era o termo técnico utilizado oficialmente) numa das três áreas em questão. Os debates acerca do novo currículo versavam não somente sobre seus efeitos no ensino básico, mas também sobre o que determinara tal orientação curricular, se o reconhecimento da crescente importância da inter- e transdisciplinaridade nos meios acadêmicos e artísticos internacionais, ou se manobra ilusória diante da histórica desatenção à área de arte no ensino brasileiro em geral, por percepção de sua irrelevância como aspecto formador num campo escolar pautado por paradigmas científico-tecnológicos, levando à precarização da formação de professores e conseqüentemente do ensino de artes, em tese, polivalente, porém, na prática, limitado por deficiências crônicas de formação na maioria, se não na totalidade, dos domínios disciplinares específicos a serem presumivelmente abrangidos. Por outro lado, a UFPB, sob o reitorado de Lynaldo Cavalcanti, havia empreendido um grande esforço ao longo da década de 1970 em tomar as realidades local e regional como objeto de produção e transmissão de conhecimento, em contraponto a uma tradição universitária até hoje voltada predominantemente à



replicação de modelos de pretensão universalista, não raro questionáveis, porém hegemônicos nos meios acadêmicos norte-americanos e europeus tidos como “de ponta”. Esse quadro hegemônico de mimetismo subordinado e defasado, ainda hoje bastante presente em nosso meio acadêmico e à época agravado sob o exíguo espaço de debate em um dos momentos de maior endurecimento do regime autoritário, expunha de maneira ainda mais acentuada os muitos e persistentes problemas relativos à formação de quadros para o ensino de artes no ensino básico. Um dos mais gritantes era (e infelizmente continua a ser) precisamente o pouco ou nenhum enraizamento de tal formação no estudo aprofundado de realidades locais e regionais, e muito menos nos conhecimentos produzidos além dos muros das instituições acadêmicas, particularmente os produzidos entre setores da sociedade brasileira mantidos à margem dos rumos políticos e socioeconômicos do país, como as populações indígenas e afrodescendentes, embora recentemente mais valorizados nas políticas educacionais e culturais nas três esferas de governo do país. Entre os caminhos alternativos buscados pela UFPB no período aqui destacado, propiciou-se uma forte inserção de docentes em atividades de extensão universitária, em meu caso particular, levando a intensa atuação em grupo musical, o Quinteto Itacoatiara, idealizado por Ariano Suassuna, atendendo solicitação do reitor e ligado a outra iniciativa pioneira do mesmo, o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO) da UFPB, até hoje existente. Atuei no Itacoatiara primeiramente entre 1980 e 1981 como técnico-administrativo do NUPPO, antes, portanto, de iniciar a carreira docente na mesma instituição, exercendo as funções de pesquisador da cultura popular, instrumentista, compositor e arranjador, cobrindo exaustivamente e extrapolando os limites do estado da Paraíba, atividades às quais logo se acresceria o exercício da docência, ainda em 1981, no Departamento de Arte e Comunicação (DAC) da UFPB, após aprovação em concurso público. Já nesse primeiro momento, constata-se uma perplexidade, diante da integração, não planejada de antemão, entre extensão e, de maneira ainda um tanto autodidata e rudimentar, pesquisa, às quais logo agregar-se-ia, também de modo integrado, a docência universitária, dando concretude ao célebre tripé pesquisa-ensino-extensão enfatizado pela retórica universitária mundo afora, notadamente após as insurgências universitárias de 1968. Nessa experiência particular de início de carreira universitária, a relação mais sistemática com a cultura popular regional, estabelecida através de pesquisas *in loco* de suas fontes, e a formação acadêmica se



interpelavam mutuamente em pesquisas de campo, como conteúdo disciplinar em sala de aula, e reelaboração artística em apresentações públicas do Quinteto Itacoatiara.¹

A pesquisa, precisamente por se constituir em lacuna de formação, tornou atrativo um cartaz sobre a parede do departamento, anunciando o lançamento, em 1983, do programa CAPES-Fulbright-LASPAU de bolsas de mestrado nos Estados Unidos para a área de Artes, então com número ínfimo de quadros pós-graduados e contando com número igualmente reduzido de oportunidades de formação no mesmo nível. Sendo agraciado com uma das bolsas concedidas pelo programa, iniciaria em agosto de 1985 o mestrado em etnomusicologia na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign (UIUC), concluído em 1987 com a dissertação *Brega: music and conflict in urban Brazil*, (Araújo, 1987a) sob a orientação de David K. Stigberg, ingressando imediatamente no doutorado da própria UIUC, com bolsa do CNPq, concluído em 1992, com a tese *Acoustic labor in the timing of everyday life; a critical history of samba in Rio de Janeiro 1917-1989* (Araújo, 1992), sob a orientação de Bruno Nettl.

O trabalho de mestrado contextualizava sociopoliticamente um repertório musical de grande projeção midiática no Brasil, bem como as representações que lhe davam forma, relacionando este objeto empírico a uma temática emergente nos assim chamados estudos culturais, as relações entre, por um lado, culturas populares assentadas na oralidade, regimes impessoais de propriedade comunitária e relações interpessoais e, por outro, aquelas crescentemente mediatizadas e difundidas em escala massiva nacional e até internacional, assentadas em regimes de propriedade privada (ver Canclini, 1982). Na tese de doutorado, o foco recaiu sobre um repertório então visto como parte representativa de construção de uma “cultura nacional brasileira”, o samba carioca, o submetendo a escrutínio tanto histórico quanto etnográfico, procurando expor suas relações intrínsecas com dilemas de dimensões simultaneamente locais e extra-locais, como o racismo, a exploração de classe e os embates políticos e sociais. Em ambos os trabalhos procurou-se ressaltar a importância epistêmica de consideração dos aspectos sonoro-musicais e os debates estéticos próprios aos recortes dos respectivos objetos de brega e samba, como parte conceitual e empiricamente ativa das complexas tramas sociopolíticas tratadas, e não como mero reflexo de um campo político. Os dois trabalhos suscitaram interesse de publicação em curto prazo, uma versão reduzida da dissertação de mestrado, em inglês,

¹ Cerca de 30 anos mais tarde, esta atividade integrada de ensino-pesquisa-extensão ainda repercutiria em minha atuação docente já na Universidade Federal do Rio de Janeiro, redundando em gravação em CD, pelo conjunto Pedra Lispe, que tinha como bandolinista Rudá Brauns, ex-orientando de Iniciação Científica na UFRJ, de duas músicas (“Ponteado” e “Alma de Gato”) compostas originalmente para o Itacoatiara.



sendo publicada sob título homônimo na *Latin American Music Review* (Araújo, 1988), da Universidade do Texas em Austin, e uma versão também reduzida, em português, do primeiro capítulo da tese de doutorado (esta, em sua integralidade, ainda inédita) foi publicada em 1993, sob o título “Descolonização e discurso; notas sobre a noção de música, tempo e poder”, na *Revista Brasileira de Música* (Araújo, 1993), da Escola de Música da UFRJ.

Havendo regressado ao Brasil, questões inesperadas de ordem familiar levaram-me um tanto impositivamente a rescindir contrato com a UFPB em 1992 e voltar ao Rio de Janeiro, afiliando-me inicialmente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1993, como Professor Visitante. Mediante concurso público em 1994, ingressei como Professor Adjunto em regime de 20 horas semanais no Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ali lecionando as disciplinas História da Música Popular Brasileira I e II, até que, em 1995, fui aprovado em concurso para Professor Adjunto da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante EM-UFRJ), onde tenho atuado desde agosto do mesmo ano em regime de Dedicção Exclusiva. Desde meu ingresso na EM-UFRJ, venho trabalhando simultaneamente no ensino de graduação (ministrando disciplinas como Folclore Nacional Musical I e II, Música Brasileira I e II, Introdução à Pesquisa em Música, Música em Tradição Oral no Brasil, Introdução à Antropologia da Música, Introdução às Músicas do Mundo e Pulsares/Oficina de Criação, Orientação de Monografia, introdução à Pesquisa em Música I e II) e pós-graduação (por exemplo, Seminários de Musicologia, Tópicos Recentes em Etnomusicologia e Tópicos Especiais em Música e Justiça Social). Em 2013, aceitei convite do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, no qual venho atuando como professor colaborador da Linha de Pesquisa Etnografia das Práticas Musicais, lecionando disciplinas como Tópicos Especiais e Seminários Avançados em Etnografia das Práticas Musicais, e orientando até aqui duas teses de doutorado em andamento.² Além dos desafios e trocas intelectuais com sucessivas gerações de estudantes, levando à orientação de Iniciação Científica, monografias, dissertações e teses, a intensa atividade letiva proporcionou retornos inesperados, como, por exemplo, generosa homenagem da turma concluinte do curso de graduação em música da UFRJ no ano de 2010 e premiação de trabalho de orientandos na Jornada de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da UFRJ, bem como de duas

² No ano de 2018, dois anos após a elaboração deste memorial, foi concluída a orientação de Marcelo Rubião de Andrade no Programa de Pós-Graduação da UNIRIO, minha primeira orientação integral de tese em nível de doutorado.



dissertações por mim orientadas em concurso nacional de monografias (Prêmio Produção Crítica em Música, FUNARTE, 2012 e 2013).

A afiliação à UFRJ desde 1995 permitiu-me acima de tudo desenvolver atividades de pesquisa ininterruptamente a partir de 1997, eixo que balizaria não apenas minhas atividades de ensino, mas principalmente ações de inserção da produção acadêmica em discussões públicas sobre a música em diferentes contextos, do local ao global. Em 1997 tive projeto de pesquisa aprovado pela primeira vez em edital de Bolsa de Produtividade em Pesquisa lançado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Desenvolvimento Científico-Tecnológico (CNPq), com o título de “Guerra-Peixe, estudos de folclore musical e música popular urbana: uma edição crítica” (Guerra-Peixe, 2007), voltado à compilação e edição crítica de trabalhos publicados esparsamente em jornais diários e periódicos especializados pelo compositor e musicólogo Guerra-Peixe nos anos 1950 e 1960, como resultado de seus estudos sobre folclore musical e música popular urbana. Procurou-se também refazer, na introdução ao trabalho, a formação inicial de Guerra-Peixe como pesquisador da música em tradição oral, além de seus métodos de trabalho em grande medida autodidatas, e adicionar aos trabalhos publicados por ele em jornais transcrições musicais que não foram publicadas nas respectivas publicações originais. Renovado em 1999 e concluído em 2001, ensejaria também o início de envolvimento contínuo com a Iniciação Científica, através de duas orientações sob o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC UFRJ-CNPq) e duas outras através do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), levando, a partir de 1999, a apresentações orais regulares nas Jornadas de Iniciação Científica da UFRJ. No ano de 2000, a criação do grupo de pesquisa Laboratório de Etnomusicologia, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, consolidou a importância das atividades de pesquisa desse incipiente núcleo, que passou a contar neste ano com dois alunos de mestrado da recém-criada linha de pesquisa Etnografia das Práticas Musicais. O trabalho realizado em torno da obra musicológica de Guerra Peixe seria contemplado com prêmio do Programa PETROBRAS Cultural de 2004, visando a sua publicação, o que finalmente ocorreu em 2007, pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, com tiragem inicial de 2.000 exemplares, dos quais 700 foram doados a bibliotecas públicas do país, via Biblioteca Nacional.

Em 2001, uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa foi concedida a um novo projeto, “Entre palcos, ruas, salões e picadeiros; um estudo histórico-etnográfico dos ranchos do Rio de Janeiro”, surgidos ao final do século XIX e atravessando transformações ao longo do século XX até sua aparente extinção nas três últimas décadas desse mesmo século.



Lançando mão de fontes primárias como iconografia e notícias jornalísticas, fonogramas representativos e documentos pertinentes em arquivos públicos e privados, fontes bibliográficas providas dos mais variados campos de conhecimento, além de histórias de vida e depoimentos orais de remanescentes dos ranchos, o projeto tomou como eixo de sua análise o trânsito e ressignificação das práticas musicais associadas ao rancho entre setores distintos da sociedade e por seus respectivos espaços de atuação. Também agraciado com bolsas PIBIC UFRJ-CNPq durante sua realização, seus resultados mais formais vieram a público em extensa publicação (Araújo et alli, 2006) na revista *Em Pauta*, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este projeto ensejou, porém, durante seu funcionamento, desdobramentos além dos muros da instituição universitária, com a participação do pesquisador, também como compositor e cantor, na (re)criação de um rancho, forma prototípica de agremiação de rua no carnaval do Rio, o Rancho Carnavalesco Flor do Sereno, que desfilaria pela primeira vez em 2001, com grande impacto na opinião pública, e sucessivamente nos anos seguintes até por volta de 2011 (assunto ao qual retornaremos mais adiante neste memorial).³

Ainda durante a realização do projeto sobre os ranchos, em 2003, um projeto relacionado, porém enfocando outro gênero bastante representativo do carnaval carioca, “Samba e coexistência; um estudo etnomusicológico do samba carioca”, foi contemplado com auxílio de Edital Universal do CNPq, propiciando um estudo da produção, circulação e apropriação do samba simultaneamente baseado em observação participante e em experiência de etnomusicologia aplicada, visando à constituição de um acervo de memória musical em comunidade específica da cidade do Rio de Janeiro, a Maré. Sem que se pudesse antecipar, este foi tão somente o início de um envolvimento marcante e duradouro com esta região do Rio próxima ao campus da UFRJ no Fundão, quer através de colaboração com organizações não-governamentais como o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e o Museu da Maré, quer através de acolhimento por órgãos públicos locais como o Centro Comunitário de Defesa da Cidadania, este vinculado à Secretaria de Estado da Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro, e não somente do pesquisador, mas também de grande número de alunas e alunos que passaram pela graduação e pós-graduação da Escola de Música mas também de outras áreas,⁴ o que geraria considerável repercussão nacional e internacional no campo da etnomusicologia e

³ Este desdobramento imprevisto do projeto de pesquisa foi, em si, objeto de uma publicação em anais de congresso (Araújo, 2003) e de uma orientação de mestrado concluída na UFRJ (ANDRADE, 2012) em 2012, bem como de gravação em CD de duas canções de autoria do autor deste memorial.

⁴ Até o momento, História, Física, Serviço Social Artes Visuais, Grego, Dança, Biologia, Ciências Sociais, Pedagogia e Biologia.



em campos afins. A partir de referenciais da pesquisa-ação participativa e da pedagogia da autonomia, o grupo de pesquisa passou a incorporar então moradores como pesquisadores com autonomia para definirem e opinarem sobre os objetos e procedimentos de estudo, bem como sobre as formas apresentação dos resultados do trabalho. Os primeiros frutos desses foco e abordagem indicavam quão profícua seria essa colaboração, a começar por artigo em livro (Araújo, 2005), seguido da publicação de um primeiro e extenso artigo coletivo (Araújo e Grupo Musicultura, 2006a) no número comemorativo do cinquentenário do periódico *Ethnomusicology*, um dos mais prestigiosos do campo da etnomusicologia em termos internacionais, mantido pela Society for Ethnomusicology sediada nos Estados Unidos, e, no mesmo ano, de outro extenso artigo coletivo (Araújo et alli, 2006b) publicado na *Revista Transcultural de Música* (TRANS), periódico da Sociedade Ibérica de Etnomusicologia.

Em 2007, nova Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq contemplaria um projeto mais abrangente derivado da experiência inicial na Maré e intitulado “Música, Memória e Sociabilidade na Maré; um estudo etnomusicológico colaborativo em uma comunidade do Rio de Janeiro”. Partindo de princípios da pedagogia da autonomia, de Paulo Freire, e da pesquisa-ação participativa, vinculada a Orlando Fals Borda, o projeto se propunha a mapear e refletir sobre as práticas musicais existentes na Maré, área urbana do Rio de Janeiro, compreendendo a formação de uma equipe de pesquisa entre moradores locais que, em diálogo com o equipe do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, definiria os focos e estratégias de pesquisa, bem como continuaria a produzir trabalhos acadêmicos em coautoria.

Projetos subsequentes consolidaram essa experiência colaborativa como referência nacional e internacional. Em 2010, a Bolsa de Produtividade em Pesquisa seria renovada pelo CNPq, contemplando o projeto “Música e memória na luta pela cidadania; uma etnografia participativa na Maré, Rio de Janeiro” (2010-2014), e em 2013 uma equipe da Universidade de Aveiro, Portugal, coordenada pela profa. Dra. Susana Sardo e afiliada ao Instituto de Etnomusicologia – Centro de Música e Dança, unidade de pesquisa multi-institucional portuguesa, teve aprovada pela Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT) o projeto “Skopeophonie – Participative and Dialogic Research of Musical Practices at KovaM Neighbourhood”, visando ao mapeamento e estudo das relações entre a música e os mais diversos aspectos da vida social na KovaM (ou Cova da Moura), área residencial de Lisboa sob impacto sensível de desigualdade social e discriminação racial, em colaboração com a Associação Cultural Moinhos da Juventude, ONG local, e, com função de consultoria, o



próprio Laboratório de Etnomusicologia⁵, tomando por base as metodologias participativas de investigação musical desenvolvidas no trabalho realizado até então na Maré.⁶

A conexão com o trabalho do INET-MD, implicando visitas recíprocas dos pesquisadores de ambos os núcleos, respectivamente ao Brasil e a Portugal, ensejou a concepção de novo projeto de pesquisa “Música, pesquisa-ação participativa e processos político-sociais no mundo lusófono; um estudo comparativo”, também agraciado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa em 2013. Desde a confirmação e paulatina preparação dos eventos esportivos internacionais no Rio de Janeiro em 2014 e 2016, e consequente implantação de novas políticas no âmbito da segurança pública, em particular as chamadas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) em áreas de conflito armado com participação de facções do crime organizado, é anunciada, ainda para 2013, a instalação de uma UPP na Maré, espaço chave na interligação entre o aeroporto internacional e o restante da cidade. No caso da Maré, diferentemente de outras localidades em que tal política foi instaurada, organizações de base locais, relativamente mais fortes e diversificadas têm buscado se colocar em posição de negociação com o poder público sobre esse processo, de modo a mitigar o preocupante número de casos letais ou que apresentam sério risco à vida e integridade da grande maioria da população local (em torno de 135.00 habitantes), não associada a atos criminais. Em andamento, o projeto reflete sobre o impacto da atual equação sociopolítica sobre a vida cultural em geral e a música em particular, aprofundando e simultaneamente se contrastando a uma experiência de pesquisa anterior de cerca de dez anos voltada ao mapeamento e interpretação crítica das práticas musicais locais sob circunstâncias relativamente diversas, desenvolvida pelo grupo de pesquisa do LE-UFRJ. Por outro lado, descortina-se também, nesse projeto em pleno andamento, o horizonte de um trabalho comparativo em colaboração com o Skopeofonia (versão portuguesa do termo-chave do título). O projeto se configura, portanto, como um duplo desafio ao conhecimento produzido ao longo de dez anos, por um lado, mantendo o foco numa área residencial favelizada do Rio de Janeiro que passa por intensas e, não raro, dramáticas experiências no transcurso desse novo projeto.

⁵ Destaque-se ainda uma co-orientação de doutoramento na Universidade de Aveiro vinculada ao projeto, de Ana Flávia Miguel, com previsão de conclusão em fevereiro de 2016.

⁶ Ressalte-se, na avaliação positiva desse projeto por sete pareceristas internacionais da área de ciências sociais e humanas, o destaque dado às bases teórico-metodológicas do trabalho do LE-UFRJ, e do desafio apresentado por as mesmas serem tomadas como referência no estudo de um contexto sociohistórico com contornos diversos do abordado pelo grupo carioca.



DIVULGAÇÃO PÚBLICA DE PRODUTOS E ATIVIDADES

Como já antecipado anteriormente, a contínua e, tanto quanto possível, integrada atividade em docência, pesquisa e extensão tem sido veiculada nacional e internacionalmente através de apresentações em congresso, artigos em livros e periódicos acadêmicos no Brasil e no exterior, e também em veículos de divulgação científica e verbetes em enciclopédia de âmbito internacional somando-se ainda alguns desdobramentos no plano de extensão, como palestras, cursos, apresentações artísticas (além das já mencionadas no caso específico do trabalho sobre ranchos carnavalescos) e programas televisivos ou radiofônicos. A difusão de produtos relacionados aos diferentes projetos ora tem acompanhado a sequência temporal de seus respectivos períodos de execução, ora tem distendido, por variados motivos, por períodos de tempo mais prolongados, em algumas instâncias ensejando interseções entre projetos ou tipos de produção diversos.

Assim, entre 1996 e 2000, foram veiculados quatro artigos no exterior, três em destacados periódicos (Araújo, 1996; Araújo, 1999; Araújo, 1999) e um em livro publicado como anais de congresso; (Araújo e Faria, 1996), relacionados respectivamente a material preparado para a docência em História da Música Popular Brasileira exercida na UNIRIO, à dissertação de mestrado (ver também Araújo, 2007b), à mesma dissertação em conjunção com a tese de doutorado e a uma das primeiras orientações de mestrado concluídas em 1995, esta última já antecipando aspectos da pesquisa futura sobre a inter-relação entre pesquisa, composição e estética musicais na trajetória de César Guerra-Peixe.

O projeto de pesquisa sobre a obra (etno)musicológica de Guerra-Peixe, contemplado pelo CNPq com Bolsa de Produtividade em 1997, conforme acima registrado, foi objeto de uma primeira apresentação pública em comunicação sobre sua leitura particular de autores referenciais da musicologia comparativa de meados do século XX, apresentada ao 36o Congresso Mundial do International Council for Traditional Music, 2001, que também teve o autor deste memorial como Coordenador do Comitê de Organização Local e membro da Comissão Científica. Porém, seu objetivo geral e produto mais acabado, a coletânea inédita de artigos do compositor e musicólogo em edição crítica, somente viria a público (Araújo, 2007) bem depois da conclusão do projeto, após ser agraciada em 2005 com prêmio do Programa PETROBRAS Cultural.⁷ Recentemente, a mesma pesquisa serviu

⁷ A edição crítica, abrindo perspectivas até então inéditas sobre Guerra-Peixe enquanto pesquisador e sobre o diálogo incipiente entre o Brasil e a pesquisa etnomusicológica feita na Europa e nos Estados Unidos, foi objeto de positiva apreciação em resenha publicada no periódico *Per Música*, da UFMG.



como uma das principais fontes da mais recente publicação do pesquisador (Araújo, 2015), em livro-homenagem a Bruno Nettl editado nos Estados Unidos por Philip V. Bohlman e Victoria Levine, colocando em âmbito mais extenso de circulação internacional a contribuição simultaneamente pioneira e original de Guerra-Peixe ao campo da etnomusicologia.

Um desdobramento imprevisto desse mesmo projeto foi a ininterrupta produção artística iniciada a partir da descoberta um tanto ao acaso pelo pesquisador, em 1996, na Biblioteca Nacional, de partituras com composições de Guerra-Peixe para orquestra de salão⁸ desde a década de 1940. Interessantemente, o material em questão antecipava em cerca de uma década, sob a forma de ideias composicionais, suas reflexões de caráter musicológico sobre aspectos da música brasileira em sentido amplo, desde a sala de concerto até contextos populares, expostas em artigos dispersos somente a partir da década de 1950, e que vieram a fazer parte da referida coletânea, confirmando a forte inter-relação e mesmo a indissociabilidade entre sua produção musicológica e artística. Após uma reunião inicial com três outros músicos (Antonio Guerreiro, piano; Paulo Passos, clarineta e saxofones; e Clay Protásio, contrabaixo) para leitura do material básico (partes para saxofone, piano, contrabaixo, violão e, em menor número, voz), surgiu a ideia de formação de um grupo vocal-instrumental, Orquestra de Salão Tira o Dedo do Pudim. O grupo faria sua estreia um ano depois, no Rio Jazz Club, lançando seu primeiro CD devotado à música de Guerra-Peixe no mesmo ano, e mantendo-se desde então em atividade contínua em diferentes formações. Mais recentemente, ao menos mais um artigo relacionado à pesquisa seria publicado em periódico (Araújo, 2010), tratando precisamente de perspectivas abertas pela performance do repertório popular produzido pelo compositor, outro exemplo em que diluem-se as barreiras entre o que, em geral, se classifica distintamente como pesquisa (análise de fontes primárias e secundárias, publicação em periódico), extensão (atividade em performance artística) e ensino, por intermédio do emprego em sala da aula de recursos como o CD gravado e o artigo gerado por perspectivas advindas da pesquisa e da performance.

Desdobramentos previsíveis, mesclados a outros de caráter inusitado, mas com semelhante potencial diluidor de barreiras rígidas entre ensino, pesquisa e extensão, marcariam também o projeto seguinte, o já mencionado estudo histórico-etnográfico dos ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro entre o final do século XIX e primeiras três décadas do seguinte. Um dos principais suportes dessa pesquisa foi o trabalho sobre fontes

⁸ Com formação instrumental análoga às das assim chamadas *big bands* estadunidenses da época.



primárias conduzido em arquivos de periódicos da Biblioteca Nacional, buscando não apenas expandir a base documental anteriormente tratada por autores como Jota Efegê e Eneida de Moraes, mas também para colocar em maior relevo as muitas remissões aos aspectos sonoro-musicais encontradas nas mesmas, e no arquivo fonográfico do próprio Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, que contém as gravações originais dos principais ranchos do alvorecer do século XX. Uma questão central desse trabalho foi discutir as inter-relações entre classes sociais, fortemente permeadas por questões raciais e de poder, no Rio de Janeiro a partir da produção e apropriação recíprocas de práticas carnavalescas por sujeitos sociais os mais diversos, tomando mais uma vez um exame detalhado dos aspectos sonoro-musicais como aspecto chave de análise.

Em seu transcurso, esta pesquisa suscitou interesse entre músicos e foliões do Rio de Janeiro, aos quais foram apresentados, já por volta de abril do ano 2000, alguns dos resultados iniciais do trabalho em reunião semiformal no lendário bar Bip Bip em Copacabana, palco de muitas iniciativas marcantes no campo da música popular e ponto de encontro de músicos e foliões na cidade do Rio de Janeiro, intermediada pelo bandolinista Pedro Aragão, ex-orientando de Iniciação Científica no projeto sobre Guerra-Peixe, então aluno de graduação em regência da UFRJ, e hoje pesquisador premiado e professor de Prática de Conjunto do Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Nessa “conversa de botequim” inusitadamente acadêmica (ou vice-versa), surgiu a ideia de reviver-se os desfiles de ranchos na cidade, porém atualizando suas referências históricas para um contexto de resistência à crescente comercialização do carnaval carioca de rua e de crescentes expectativas de mudança no campo político com a aproximação das eleições de 2002, afinal confirmadas. Mobilizados foliões, músicos e militantes das artes e da política em geral, e definida sua forma de desfile após festivas reuniões semanais, o Rancho Flor do Sereno desfilaria pela primeira vez no carnaval de 2001, na Av. Atlântica, Copacabana, tendo o pesquisador como compositor da marcha-rancho de desfile⁹ e cantor, junto a banda com 17 integrantes, das três composições feitas originalmente para a ocasião, o que marcaria a presença constante do Flor do Sereno no carnaval carioca e em outros contextos artísticos durante os anos subsequentes. Coincidentemente, a extensa publicação-síntese de cunho analítico resultante da pesquisa seria publicada na revista *Em Pauta* (Araújo et alli, 2006c) ocorreria no mesmo ano de gravação e lançamento do primeiro CD da Orquestra Típica Flor do

⁹ Além da marcha de desfile, o cortejo contou com um samba amaxiado de autoria de Jaime Vignoli e Aldir Blanc, cantada ao final do desfile, e uma marcha regresso, cantada durante a volta dos foliões ao bar Bip Bip, sede do rancho.



Sereno, incluindo duas marchas-rancho de autoria do autor deste memorial, uma das quais (“Flor do Sereno”), a primeira a ser composta especialmente para a nova agremiação e adotada, nos anos subsequentes, como hino da mesma.

Como já apontado acima, as pesquisas que se sucedem à realizada sobre os ranchos, passam a toma como referência o trabalho participativo iniciado na Maré. Mantêm, no entanto, uma relação possível com as anteriores, ao produzirem uma mescla entre a consecução de objetivos antecipados no próprio projeto e de alguns outros inesperados, com forte componente de divulgação científica a público não-especializado. O projeto Samba e Coexistência, iniciado ao final de 2003 com auxílio de Edital Universal do CNPq, suscitou não apenas a publicação de um primeiro artigo coletivo (Araújo e Musicultura, 2006a), em exercício de escrita colaborativa que se tornaria uma marca distintiva do grupo de pesquisa formado por estudantes e moradores da Maré, autodenominado Musicultura, com elaboração iniciada em 2005, ainda ao tempo do último ano de duração da pesquisa relacionada. Uma das principais constatações do trabalho em questão foi a de que o samba carnavalesco, símbolo da cidade, seus potenciais e contradições, e outrora forte na Maré, encontrava obstáculos nos conflitos relacionados à pouca presença do Estado e domínio da região por facções do tráfico de drogas, conjuntura que constringia de um modo ou outro uma atividade ligada à ocupação do espaço público em contexto exercício de controle por forças armadas ilegalmente constituídas. Isso levou a que, em meio a trabalho empírico e reflexivo e ainda durante a elaboração coletiva do artigo, o grupo Musicultura tomasse a iniciativa de se aliar a movimentos sociais de base local, visando à criação de um bloco carnavalesco com o objetivo de retomar o carnaval de rua. Criado o bloco, com a denominação Se Benze Que Dá, alusiva ao contexto conflituoso já mencionado, seu primeiro desfile anual de uma série que se estende até hoje, ocorreu também em 2005, em concomitância, portanto, com a elaboração do artigo.

Os projetos de pesquisa subsequentes, desenvolvidos de forma semelhante na Maré, pelo Musicultura levaram a uma série de publicações em livros (Araújo, 2014, 2013, 2012, 2009c; Araújo e Musicultura, 2010, 2011), periódicos (Araújo e Cambria, 2013; Araújo, 2009a, 2009b, 2008, 2006b) e anais de congresso, bem como três dissertações de mestrado defendidas por moradores e orientadas pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ (Duque, 2007; Andrade Silva, 2009; Dias da Silva, 2011), tratando das inter-relações entre a música e a paisagem sonora presentes na Maré e temáticas locais variadas, como os diversos tipos de violência e conflito ali observados, muitos dos quais condicionados por determinantes externos, as formas e os espaços de sociabilidade juvenil,



movimentos migratórios, a realidade escolar, a participação social da mulher, as políticas públicas, em particular as de segurança pública, e muitos outros temas.

OUTROS CANAIS DE INTERVENÇÃO E DIVULGAÇÃO PÚBLICA

Outro desdobramento da acumulação de experiência e sistematização de processos de produção e difusão de conhecimento que aliam a participação de sujeitos não inseridos no meio acadêmico à diluição de fronteiras mais rígidas entre ensino, pesquisa e extensão tem sido a série extensa de convites a conferências, palestras, cursos, entrevistas, assessorias e divulgação midiática no Brasil e no exterior, o que, somando-se às publicações antes mencionadas, conferiram visibilidade considerável ao trabalho na Maré.

Destaco aqui somente algumas, quicá ilustrativas, a começar pelo convite à apresentação do trabalho na Maré, então com pouco mais de um ano de iniciado, em sessão plenária realizada em 2005, perante cerca de 1.000 assistentes, tendo como foco um balanço da etnomusicologia no mundo contemporâneo, durante o Encontro Anual da Society for Ethnomusicology, comemorativo do cinquentenário daquela que é a maior entidade em número de associados e segunda maior em abrangência internacional no campo em questão. Após a palestra, foi solicitada pelo editor-chefe (Peter Manuel) do periódico da entidade (*Ethnomusicology*) ao autor deste memorial, a submissão de um trabalho mais extenso relacionado ao tema da palestra, que ensejou a elaboração do primeiro artigo em autoria coletiva do grupo Musicultura, finalmente publicado no volume especial de cinquentenário da publicação, após a análise e aprovação de praxe por dois pareceristas em revisão anônima (*blind review*). Este e outro artigo em extensa coautoria sobre o trabalho na Maré, publicado também em 2006 no dossiê especial sobre música e violência organizado por Ana Maria Ochoa para a *Revista Transcultural de Música*, trouxeram considerável repercussão ao trabalho da Maré, embora este estivesse ainda, sem que seus integrantes sequer pudessem o imaginar, somente nos estágios incipientes de iniciativa até hoje em andamento. Inúmeras outras palestras em universidades brasileiras e do exterior acerca dos múltiplos aspectos do trabalho na Maré se sucederiam a partir daí, algumas das quais realizadas com a participação de pesquisadores do grupo Musicultura, como a realizada em 2008 no Center for Ethnomusicology da Universidade de Columbia, em Nova York, contando com intervenção de Sinésio Jefferson Andrade Silva, à época morador da Maré e estudante de mestrado na Escola de Música da UFRJ, mais tarde defendendo dissertação que viria a receber prêmio de publicação no concurso nacional Produção Crítica Sobre Música promovido pela FUNARTE, e hoje trabalhando sobre tese de



doutoramento no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPUR) da UFRJ, sobre cultura, espaço urbano e educação integral no município do Rio de Janeiro.¹⁰

Outra oportunidade extremamente desafiadora se ofereceu a partir de convite feito em 2008 pela coordenação da Cátedra Manuel Ancizar, da Universidade Nacional da Colômbia, à participação como palestrante sobre o instigante tópico Músicas e Tráficos, em se considerando o vasto potencial semântico de ambos os termos, comensurável ao de suas implicações sociais, estéticas, econômicas e políticas. Realizada num sábado pela manhã no Auditório Leon de Graeff, principal salão de conferências da universidade, também com participação de cerca de 1.000 pessoas, parte das quais vindas do interior do país, deu ensejo a publicação em livro no ano seguinte, o que abriria perspectiva até então imprevisível atuação continuada na Colômbia como consultor de inovadores projetos de pesquisa e educacionais. O primeiro deles, Patrimonialização, Mercado e Consumo, integrando núcleos de pesquisa sediados em sete universidades colombianas, capitaneadas pelo Instituto Colombiano de Antropologia e História Natural (ICAHN), órgão do Ministério da Cultura, em Bogotá, procurou investigar os fundamentos e conflitos prático-conceituais e aspectos metodológicos das políticas de patrimônio imaterial, bem como as relações resultantes entre os diversos agentes envolvidos em sua execução. O projeto contou com assessoria de três especialistas do exterior (Regina Abreu, da UNIRIO, Monica Lacarrieu, da Universidade de Buenos Aires e o autor deste memorial), com a dupla função de apresentar experiências acumuladas de potencial contributivo ao projeto e críticas à experiência colombiana em construção. A dinâmica de trabalho, combinando intercâmbio de textos e intervenções pontuais por meio virtual, e culminando em dois seminários presenciais em Bogotá, reunindo toda a equipe e assessoria respectivamente em 2011 e 2012, também conduziu à publicação, em 2014, de livro registrando seus resultados mais significativos.

Durante o último seminário ligado ao projeto, realizado em Bogotá no ano de 2012, fui sondado por representante do Plano de Convivência pela Música, do Ministério da Cultura da Colômbia, sobre eventual interesse em trabalhar, também como assessor estrangeiro, junto ao Projeto Piloto de Formação de Investigadores Musicais (PPFIM), com vistas à implantação articulada de cursos de pós-graduação em música no país. O fator mais atrativo a uma resposta positiva foi o desejo da equipe gestora, coordenada por Jorge Franco, de dar ênfase à participação de especialistas não titulados em músicas tradicionais, entre as quais as indígenas, afrodescendentes e populares, na equipe mais ampla de

¹⁰ Tese esta defendida no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPUR) da UFRJ.



formulação da política pública em foco. Tal equipe, ainda atuante, é formada por oito núcleos constituídos simultaneamente por especialistas acadêmicos e não-acadêmicos distribuídos por oito macro-regiões do país, procurando pensar a inserção dos conhecimentos tradicionais acima aludidos de modo a não os descaracterizarem em forma e conteúdo, para o que se procura pensar também na absorção de professores não titulados formalmente como docentes contratados em universidades. Desde 2013, e até o momento (2016), venho assessorando o referido projeto, compreendendo a participação em fóruns anuais por meio virtual com a equipe de gestão, fóruns virtuais em caráter pontual com algumas das equipes locais, fóruns presenciais em 2013 e 2014 com todas as equipes, ao menos uma experiência de trabalho de campo, em 2013, com uma das equipes locais (realizado em Montes de Maria, região da Costa Caribe colombiana Grupo Antropomúsica, sediado na Universidade de Barranquilla¹¹) produção de relatórios, artigos acadêmicos e, como produto central, a coprodução de um documento de política a ser proposto aos Ministérios da Educação e de Cultura da Colômbia, bem como ao COLCIENCIAS, órgão nacional de execução de políticas de fomento à investigação.

A intensa e continuada divulgação do trabalho de pesquisa e principalmente de suas bases teórico-metodológicas, realimentadas por discussões acerca de sua produção bibliográfica em cursos de graduação e pós-graduação da UFRJ, despertaram interesse de outras instituições em cursos em variados formatos e direcionados a diferentes públicos-alvo.¹² O primeiro deles teve lugar no simpósio anual do Hemispheric Institute, entidade multi-institucional sediada na Universidade de Nova York e dedicada a estudos de formas ativismo no campo da arte, realizado na Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, em 2009, em curso de 15 horas sobre pesquisa-ação participativa (PAP) e ativismo cultural. No mês de 2013, um módulo de 15 horas com ênfase em abordagens dialógicas e princípios da PAP, foi ministrado a alunos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no âmbito da disciplina Epistemologias da Música. Curso de duração mais extensa, Música e Justiça Social, foi oferecido durante o termo letivo da primavera na Universidade de Chicago, atendendo a convite conjunto do Departamento de Música, mediante uma Bolsa de Professor Visitante Tinker. Em princípio direcionado a alunos de

¹¹ Muito significativamente, mas graças a boa dose de acaso, a região-objeto deste trabalho de campo foi também o foco de extensa pesquisa realizada entre as décadas de 1960 e 1970 por Orlando Fals Borda, sociólogo colombiano e pioneiro da pesquisa-ação participativa, um dos principais marcos teórico-metodológicos do trabalho iniciado pelo autor do memorial cerca de 40 anos mais tarde junto à comunidade da Maré.

¹² Dois cursos direcionados a alunos de pós graduação já estão agendados para 2016, um deles para o Mestrado em Gestão Cultura da Universidade de Porto Rico, em San Juan, e outro em dezembro para o curso de pós-graduação em música da Universidade Nacional Autónoma do México, na capital do país.



pós-graduação e graduação da universidade, por solicitação do ministrante, foi aberto também à participação de músicos locais que desenvolviam projetos relacionados ao tema do curso.¹³

O trabalho na Maré tem atraído também alguma atenção dos meios de comunicação, abrangendo de veículos jornalísticos comerciais a periodismo e programação televisiva ou radiofônica de caráter educativo. Como exemplos, se destacam reportagens no jornal O Globo e no Correio Brasiliense, reportagem na revista Cadernos de Pesquisa, da FAPERJ, menção como destaque XXX no programa Globo Ciência e entrevista exclusiva no Estúdio Ciência Hoje, série de programas radiofônicos produzida pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e disponível em rede via podcast.

A exposição obtida com os resultados na extensa atividade de pesquisa na Maré e seus eventuais desdobramentos foi, em grande medida, responsável pelo convite feito ao autor em novembro de 2008, pela então Deputada Jandira Feghali, recém-escolhida Secretária Municipal de Cultura (SMC) do Rio de Janeiro, para assumir a Gerência de Música da SMC, cargo a ser criado em sua gestão. Tinha, a futura secretária, como um dos eixos estratégicos de sua administração, estabelecer parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SME) para ações conjuntas no contraturno das escolas da extensa rede municipal (1.064 unidades à época), o que poderia ser a oportunidade de estabelecer vínculos potentes e dialógicos entre artistas, agentes culturais, universidades e escolas rumo à retomada do projeto de escola pública em tempo integral, e com base em ideal de formação abrangente, sonho de visionários como Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, depois solapado por interesses menores de toda a ordem. Mesmo antecipando-se grande dificuldade, considerada a composição da coalizão política sob cuja administração tal empreitada deveria encontrar espaço, o convite foi aceito. Era um risco calculado, mediante o aval da futura Secretária a que a referida Gerência, sem prejuízo de suas outras funções (por exemplo, administração e programação de determinados equipamentos públicos, apoio a outros programas estabelecidos como prioritários pela Secretaria) participasse ativamente da formulação do assim chamado Segundo Turno Cultural, em pretendida ação conjunta com a SME. O rumo errático tomado por essa pretendida colaboração entre órgãos de governo, bem como o eventual esvaziamento por completo

¹³ Um dos músicos que frequentaram o curso, Ben Lamar Gay, realizou viagem ao Rio de Janeiro em abril de 2015, conhecendo *in loco* o projeto de pesquisa na Maré, falando aos participantes do grupo Musicultura sobre seu projeto em Chicago, o Inferno Mobile Studios, que recebe anualmente cerca de 400 estudantes da rede de ensino da cidade em atividades de contraturno no interior de dependências do Chicago Park District. Durante a passagem pelo Rio, gravou uma edição integral sobre seu projeto educacional no programa Eletroacústicas na Rádio MEC FM, conduzido por Rodrigo Cichelli e tendo o autor do memorial como convidado, que foi ao ar em 22 de abril de 2015.



de tal política face à ênfase em diretrizes vistas como de mais interesse ao modelo de cidade de negócios criado em torno da candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos, levaram a meu pedido de demissão em junho de 2009, fatos esses já comentados em detalhe por este autor em artigo acadêmico publicado na revista *Música e Cultura*, periódico oficial da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ARAÚJO, 2012). Se tal esvaziamento de uma eventual sinergia entre educação e cultura face à ênfase política em eixo econômico já parecia ser indicativa de insondáveis, quiçá inconfessáveis, mistérios, seu aspecto inverossímil ainda estaria por se apresentar.

Já de volta à atividade habitual na UFRJ, fui contatado pouco após minha exoneração da SMC pela ainda Secretária Jandira Feghali¹⁴, acerca da possibilidade de retomarmos plano de ações assemelhado ao antes esboçado para realização na rede escolar municipal, mas desta feita em equipamentos da própria SMC. Para tal contaria com financiamento por demanda espontânea da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), órgão do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, mediante convênio a se estabelecer com a SMC e a UFRJ. Com aval da reitoria da universidade, coordenei uma equipe multidisciplinar com vistas à elaboração de um projeto intitulado *Cartografia Cultural Carioca*, que envolveria basicamente um mapeamento participativo de iniciativas culturais em diferentes áreas da cidade. Os resultados previstos passariam por integração entre as expertises acumuladas entre universidades sediadas no município e seminários de acompanhamento e avaliação até, objetivo final, a disponibilização em rede de um portal com a *Cartografia*, possibilitando a seus usuários obterem informações constantemente conferidas, repensadas e, se necessário, reprocessadas sobre a localização, horários, condições de acesso, caráter e histórico das ações e recursos culturais desenvolvidas no município. Mesmo com financiamento pré-aprovado, base de uma encomenda de projeto por demanda espontânea, a *Cartografia* não obteve o aval da Prefeitura, embora já não dependesse de um só centavo de seus próprios recursos ou de envolvimento de quadros próprios, uma vez que se contaria com estrutura de pessoal recrutado nas comunidades-objeto da experiência piloto, por meio de bolsas oferecidas pelo próprio projeto, e em universidades, neste caso, mediante bolsas institucionais. Os motivos desse impasse, que se manteria até o final da gestão da SMC iniciada por Jandira Feghali e concluída por Ana Luísa Lima, após o que o projeto seria abandonado, jamais foram declarados. Apenas supõe-se que estejam relacionados à já mencionada opção pelo modelo de cidade de negócios como diretriz de governo, impressão mais tarde reforçada pelo perfil do novo

¹⁴ Sua própria autoexoneração se daria no início do ano seguinte.



secretário, o que não diminui a perplexidade diante da recusa de um recurso de utilidade pública a custo zero, cuja finalidade a rigor poderia até mesmo ser encarada como agregação de valor à estratégia de ação escolhida pelo poder municipal, quer como instrumento de gestão, quer como balizador de investimentos variados.

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ACADÊMICOS

A divulgação e debates acerca do trabalho continuado em pesquisa, seus suportes teórico-metodológicos e temáticas afins, têm passado também pelo envolvimento na organização de eventos internos e externos à UFRJ, por vezes exercendo função de coordenação, em outras oportunidades como membro de equipe. No ano de 1998, fui sondado por membros do Comitê Executivo do já citado International Council for Traditional Music (ICTM) para assumir a organização local do 36º Congresso Mundial da entidade, a depender da obtenção de apoio institucional para tal. Consultadas e consultados colegas da própria UFRJ e de outras instituições de ensino superior sediadas no Rio de Janeiro, nomeadamente UNIRIO, UERJ e Conservatório Brasileiro de Música, posteriormente obtendo-se cartas de apoio de suas respectivas instâncias maiores, a candidatura do Rio de Janeiro foi apresentada formalmente e aprovada por unanimidade na assembleia geral do XXXV Congresso Mundial do ICTM, realizado em Hiroshima, no ano de 1999.

Durante o evento no Japão, em que passei a integrar a comissão organizadora do congresso a se realizar no Rio, foi elaborado e aprovado seu temário, incluindo tópico por mim sugerido, acerca das relações entre pesquisadores e as pessoas com as quais trabalham, envolvendo desde questões éticas e políticas até as teórico-metodológicas, de óbvia relação com os rumos que tomaria a atividade do pesquisador nos anos seguintes. Este seria ainda o tópico a receber o maior número de propostas de comunicação aprovadas, revelando o crescente interesse em pesquisa aplicada no campo da etnomusicologia, incluindo uma comunicação de autora da África do Sul, que apareceria publicada como artigo em 2002 no periódico do ICTM, o *Yearbook for Traditional Music* (Impey, 2002), volume do qual fui editor convidado.¹⁵ O Congresso do ICTM no Rio teve também como importante desdobramento, a criação da Associação Brasileira de Etnomusicologia, que desde então vem promovendo a área de estudos em questão e

¹⁵ Em reunião do Comitê Executivo do ICTM realizada no Canadá em 2010, foi relatado por seu Secretário Geral, Stephen Wild, ser este o segundo artigo mais acessado para download na base JSTOR entre todos os números do periódico publicados até aquele ano.



congregando pesquisadoras do Brasil e outras partes do mundo, mas protagonizando lutas pelo reconhecimento e valorização dos saberes indígenas, populares e afrodescendentes, bem como das populações historicamente mais expostas às desigualdades, discriminações e injustiças que têm marcado o processo sociohistórico no Brasil (ver Sandroni, 2008).

No ano seguinte ao Congresso do ICTM no Rio de Janeiro, teria início na Escola de Música da UFRJ a primeira edição da série Música em Debate, mesas-redondas relacionando o campo da etnomusicologia a temas diversos de interesse público, com caráter multidisciplinar e participação sistemática de convidados externos à universidade, idealizada a partir de demanda de alunos da Linha de Pesquisa em Etnografia das Práticas Musicais do Programa de Pós-Graduação em Música. Edições sucessivas da série têm ocorrido até hoje, gerando material para publicação lançada em 2008, com apoio do programa de Auxílio à Editoração da FAPERJ, (Araújo, Paz e Cambria, 2008), contendo coletânea dos trabalhos apresentados por autores nacionais e estrangeiros e autores entre 2002 e 2004.

Mantendo como foco sistemático de problematização as relações entre música, som e poder em diferentes contextos espaço-temporais, e buscando ênfase em metodologias participativas e dialógicas de produção coletiva de conhecimento, estive envolvido com a organização e coordenação de dois congressos regionais (2010, 2011) e um nacional (2008) da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET). Neste último, realizado em Maceió durante mandato como presidente da entidade, foi especialmente bem-vinda a participação de Maria Eugenia Londoño Fernandez, professora emérita da Universidade de Antioquia, Colômbia, pioneira da pesquisa-ação participativa no campo da etnomusicologia latino-americana e internacional, ganhadora do Prêmio Casa de las Américas em 1993 com livro sobre a sociedade indígena Embera-Chamí, e então visitando pela primeira vez o Brasil, fato a se destacar em tradição acadêmica nacional, como a brasileira em música, na qual ainda pouco se conhece da produção de outros países da América Latina.

Por fim, destaco a participação na organização do I Fórum Conjunto da Society for Ethnomusicology com o International Council for Traditional Music, desde sua idealização até a realização propriamente dita em Limerick, Irlanda, em setembro de 2015. Seu título principal de Engaging Ethnomusicologies permitia ao menos duas traduções (etnomusicologias engajadoras ou engajando o fazer etnomusicológico), ambas igualmente indicativas de mudanças de paradigmas disciplinares rumo à consideração mais cuidadosa, no debate acadêmico, da dimensão política intrínseca à reflexão-ação humana. Reunindo pesquisadores, agentes e gestores culturais em torno de cerca de noventa



apresentações de trabalho e sete palestras proferidas por convidadas e convidados especiais, as duas maiores associações do campo da etnomusicologia em termos de abrangência internacional e número de associados procuraram sinalizar, por meio dessa inédita colaboração institucional, o imperativo de trabalho articulado e em novas bases sobre questões prementes, que afetam hoje, muitas vezes de modo contundente, o mundo como um todo. Questões como guerras, traumas, violência, neoliberalismo, racismo, políticas públicas, justiça reparatória, migração, regimes de encarceramento, meio ambiente, saúde ou educação para a diversidade, bem como uma ampla amostra de abordagens heterodoxas em trabalho de pesquisa em música, entre as quais um bom número de estratégias dialógicas, foram alvo de intensos debates durante os quatro dias de encontro, a partir do qual encontra-se em elaboração uma coletânea a se publicar proximamente.

ATUAÇÃO EM ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS

Um aspecto importante do trabalho acadêmico que não poderia ser omitido desse registro se remete ao intercâmbio e debate de ideias no âmbito de instâncias executivas ou consultivas de associações e periódicos científicos. À experiência inicial, entre 1994 e 1996, como tesoureiro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação e Música (ANPPOM), em gestão que teve José Maria Neves como presidente e Marisa Rezende como secretária, sucedeu-se a experiência entre 1999 e 2001 como membro do Comitê Executivo do International Council for Traditional Music (ICTM), sob a presidência de Krister Malm e com Dieter Christensen. Se a primeira teve que se dedicar acima de tudo a prementes questões operacionais da entidade brasileira, a experiência no ICTM, órgão consultivo formal da UNESCO já então com 52 anos de existência e com modus operandi relativamente consolidado, permitiu acompanhar debates internos de natureza acadêmica e político-institucional que refletiam sua vasta abrangência internacional e a enorme complexidade de se estabelecer relações horizontais e transparentes sob tais circunstâncias. Sendo eleito em 2006 para a presidência da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), em chapa que contava com o antropólogo Rafael José de Menezes Bastos, um dos decanos da etnomusicologia brasileira, tomei a experiência anterior no ICTM como forte referência, procurando estimular o debate interno e, principalmente, fazer presente a voz da entidade ou de sua diretoria nos debates de interesse público em áreas afins às interferidas pelo trabalho de associadas e associados. Havendo deixando o



cargo no ICTM em 2001, fui reconduzido ao mesmo em 2010, e mais uma vez em 2013, em mandato atualmente em vigência. Dos muitos debates ocorridos entre membros do Comitê Executivo de 2010 até hoje, talvez aquele que mais intensamente haja motivado minha participação foi o realizado em torno dos rumos da etnomusicologia no mundo contemporâneo e da urgência de redefinição da missão de uma entidade como o ICTM, criada no pós-guerra para, entre outros motivos, promover o reencontro de pesquisadoras e pesquisadores de ambos os lados da Guerra Fria. O órgão diretivo da entidade empreendeu ao longo desse período uma revisão crítica dos vários traços desse passado institucional, que vão desde o próprio adjetivo “tradicional” ao uso de jargão diplomático em sua processualística oficial, de louvável memória, porém dando sinais de certo esgotamento conceitual e político em meio a uma realidade global profundamente transformada. O Fórum de Limerick, já comentado acima, seria um ponto de inflexão crucial nesse percurso, esperando-se que o anunciado livro dele resultante possa incentivar de maior fôlego e abrangência na etnomusicologia e campos acadêmico afins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, e ciente da impossibilidade de citar nominalmente todas as pessoas e instituições que foram, de um ou outro modo, fundamentais à trajetória acadêmica aqui traçada, quer em sua presumida zona de conforto, quer em relações de tensão e eventual conflito, expresso meus sinceros agradecimentos, aos alunos, colegas, e pessoal técnico-administrativo da UFPB, UNIRIO e UFRJ, em especial ao corpo docente do Departamento de Musicologia e Educação Musical da Escola de Música da UFRJ, às/aos musicistas e ativistas políticos com as/os quais colaborei ou venho colaborando mais sistematicamente, como Reginaldo Alcântara, Fernando Farias, Agmar Dias Pinto Filho, João de Arimatéia, Pedro Santos, Carlos Galvão, Thomas Turino, Eládio Perez Gonzalez, Nelio Rodrigues, Flávio Barbeitas, Pedro Aragão, Antonio Guerreiro, Clay Protásio, Paulo Passos, Fernando Trocado e Chico Costa, a professoras e professores como Nélio Rodrigues, Maria Aparecida Antonello Ferreira, César Guerra-Peixe, David Stigberg e Bruno Netti, e a um número também extenso de colegas no Brasil e no exterior com as/os quais partilhei momentos de trabalho, sempre que possível acompanhado de algum lazer, aos quais manifesto meu profundo agradecimento citando pontualmente apenas dois nomes, o de Aloisio Teixeira, in memoriam, por seu decisivo empenho, à frente da reitoria entre 2003 e 2011 em mobilizar uma instituição da complexidade da UFRJ aos necessários autoexame e posicionamento diante dos mais críticos debates locais e nacionais, e o do coletivo de



pesquisa Musicultura, pelas múltiplas lições extraídas do convívio com suas/seus mais de cento e vinte integrantes em sucessivas formações desde 2004.

Por fim, ao destacar os nomes de Marília e Rafael Moreira Mello Araújo, frutos de extensa relação afetiva com Elizabeth Moreira dos Santos, que inspiram e orgulham um pai cuja sina é saber não ser possível retribuir à altura as muitas alegrias por ambos propiciadas, Ligia Bahia, amada companheira, fonte copiosa de afeto, humor, dedicação e iluminação crítica, bálsamo reanimador nos momentos de vertigem existencial, e mãe de Lia e Bernardo Bahia, enteados com os quais procurei cultivar respeitosa e progressivamente uma sincera e, a meu juízo, bela relação de afeição e confiança mútua, e, por fim, Lucas Araújo Costa e Aurora Bahia Elia, dois netos que trazem lindamente à vida o frescor lúdico, irreverente e ruidoso de uma possível humanidade não sucumbente ao simulacro, à torpeza e à indiferença, presto tributo a meus pais Samuel Mello Araújo e Dione Andrade Mello Araújo, in memoriam, e a minha irmã Cléa Izabel Araújo Castro, esposo, filhos e neto, pelos momentos compartilhados de amor, solidariedade e humor em meio ao atendimento de múltiplas e sinuosas demandas de seus respectivos percursos existenciais, estendendo o mesmo à família extensa mais ou menos próxima, núcleo de formação importante e nuançado da trajetória acima delineada.



REFERÊNCIAS

Andrade, Marcelo Rubião de. *Música, espaço público e ordem social no carnaval de rua do Rio de Janeiro: um estudo etnomusicológico (2009-2011)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2012.

Andrade Silva, Sinésio Jefferson. *Memória dos sons e os sons da memória: uma etnografia musical da Maré*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2009.

Araújo, Samuel. “Dimensiones políticas del dialogo intercultural: patrimonios de conocimiento y luchas sociales”. In: Chaves, Margarita; Montenegro, Mauricio; Zambrano, Marta (orgs.). *El valor del patrimonio: mercado, políticas culturales y agenciamientos sociales*. Bogotá: ICAHN, 2014, v. 1, p. 359-386.

Araújo, Samuel. “Entre muros, grades e blindados; trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial”. *El Oído Pensante* (Buenos Aires), v. 1, p. 1-15, 2013.

Araújo, Samuel. “Etnomusicologia e debate público sobre a música no Brasil hoje: polifonia ou cacofonia?” *Música e Cultura* (Associação Brasileira de Etnomusicologia, Salvador), v. 6, p. 17-27, 2012.

Araújo, Samuel. “Movimentos musicais: Guerra-Peixe para ouvir, dançar e pensar”. *Revista USP* (São Paulo), v. 87, p. 98-109, 2010.

Araújo, Samuel. “Diversidade e desigualdade entre pesquisadores e pesquisados. Considerações teórico-metodológicas a partir da etnomusicologia”. *Desigualdade & diversidade* (PUCRJ, Rio de Janeiro), n. 4, p. 173-191, 2009a.

Araújo, Samuel. “Ethnomusicologists researching towns they live in: theoretical and methodological queries for a renewed discipline”. *Muzikologija* (Srpska Akademija Nauka i Umetnosti, Serbia), v. 9, p. 33-50, 2009b.

Araújo, Samuel. “Los paisajes sonoros de las favelas”. In: Vignolo, Paolo (org.). *Ciudadanías en escena; performance y derechos culturales en Colombia*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia/Facultad de Ciencias Humanas, 2009c, p. 232-237.



Araújo, Samuel. “From neutrality to praxis; the shifting politics of applied ethnomusicology”. *Muzikoloski Zbornik / Musicological Annual* (University of Ljubljana, Eslovênia), v. XLVI, p. 13-30, 2008.

Araújo, Samuel (org.). *Guerra-Peixe: estudos de folclore e música popular urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007a.

Araújo, Samuel. “Fruto do nosso amor”. In: Nestrovski, Arthur (org.). *Lendo música: 10 ensaios sobre 10 canções*. São Paulo: Publifolha, 2007b, p. 163-178.

Araújo, Samuel. “Em busca da inocência perdida? Música, tradição e oralidade no novo milênio”. In: Tugny, Rosângela Pereira de; Queiroz, Rubens Caixeta de (orgs.). *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 59-70.

Araújo, Samuel. “Samba e coexistência; repensando a agenda de pesquisa etnomusicológica”. In: Ochoa, Ana Maria; Ulhoa, Martha Tupinambá de (orgs.). *Música popular na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005a, p. 194-213.

Araújo, Samuel. “Notas sobre as políticas públicas para a música no governo Lula”. In: Lühning, Angela (org.). *Encontros*. Salvador: Associação Brasileira de Etnomusicologia, 2005b, p. 67-74.

Araújo, Samuel. “Southeast Brazil”. In: Shepherd, John; Horn, David; Laing, David (orgs.). *The Continuum Encyclopedia of Popular Music of the World*. Londres: Blackwell, 2005c, v. II.

Araújo, Samuel. “Rio de Janeiro”. In: Shepherd, John; Horn, David; Laing, David (orgs.). *The Continuum Encyclopedia of Popular Music of the World*. Londres: Blackwell, 2005d, v. II.

Araújo, Samuel. O rancho e a rua; invenção da tradição e atualização dos ranchos carnavalescos no Rio de Janeiro. In: *Anais do XVI Congresso da ANPPOM*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 2003.

Araújo, Samuel (org.). *Yearbook for Traditional Music* (Los Angeles), v. 34. Organizador convidado. International Council for Traditional Music, 2002.

Araújo, Samuel. “Brazilian Identities and Musical Representations”. *Diogenes* (English ed., Paris), v. 191, p. 152-165, 2000.

Araújo, Samuel. “The politics of passion: the impact of bolero in Brazilian popular music”. *Yearbook for Traditional Music* (Nova York), v. 31, p. 42-56, 1999.

Araújo, Samuel. “Brega, samba, trabalho acústico; variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia”. *Opus* (Belo Horizonte), v. 6, p. 1-16, 1999.



Araújo, Samuel. “Louvor, música popular e mídia evangélica no Rio de Janeiro”. *Transcultural Music Review* (Barcelona), v. 2, p. 1-10, 1996.

Araújo, Samuel. “Descolonização e discurso: notas sobre o tempo, o poder e a noção de música”. *Revista Brasileira de Música* (UFRJ, Rio de Janeiro), v. 20, p. 7-15, 1992.

Araújo, Samuel. *Acoustic labor in the timing of everyday life: A critical history of samba in Rio de Janeiro, 1917-1990*. Tese de doutorado (Ph.D.). Departamento de Musicologia, Universidade de Illinois em Urbana Champaign, EUA, 1992.

Araújo, Samuel. “Brega: music and conflict in urban Brazil”. *Latin American Music Review* (Austin, TX, EUA), v. 9, n. 1, p. 50-89, 1988.

Araújo, Samuel. *Brega: Music And Conflict In Urban Brazil*. Dissertação de mestrado (M.M.). Departamento de Musicologia, Universidade de Illinois em Urbana Champaign, EUA, 1987.

Araújo, Samuel; Cambria, Vincenzo . “Sound praxis, poverty and social participation: perspectives from a collaborative study in Rio de Janeiro”. *Yearbook for Traditional Music* (St. John’s, Canadá), v. 1, p. 28-42, 2013.

Araújo, Samuel; Faria Jr., Antonio Emanuel Guerreiro de. “Samba cigano; um estudo histórico-etnográfico das práticas de música e dança dos ciganos calom do Rio de Janeiro”. In: Torres, Rodrigo (org.). *Música popular en América Latina*. Santiago do Chile: Fondart y Rama Latinoamericana IASPM, 1999, p. 233-239.

Araújo, Samuel; Fuks, Leonardo. “Práticas vocais no samba carioca: um diálogo entre a acústica musical e a etnomusicologia”. In: Mattos, Cláudia Neiva de; Travassos, Elizabeth; Medeiros, Fernanda Teixeira de (orgs.). *Ao encontro da palavra cantada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p. 278-288.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “Tendências e circuitos de consumo de música na Maré, Rio de Janeiro”. In: Herschmann, Micael (org.). *Nas bordas e fora do mainstream musical. Novas tendências da música independente no início do século XXI*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 325-354.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “Sound praxis: music, politics, and violence in Brazil”. In: O’Connell, John Morgan; Castelo Branco, Salwa El-Shawan (orgs.). *Music and Conflict*. Urbana, IL: University Illinois Press, 2010, p. 217-231.

Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “Conflict and violence as conceptual tools in present-day ethnomusicology; notes from a dialogical experience in Rio de Janeiro”. *Ethnomusicology* (Society for Ethnomusicology, EUA), v. 50, n. 2, p. 287-313, 2006a.



Araújo, Samuel; Musicultura, Grupo. “A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré”. *Transcultural Music Review* (Barcelona), v. 10, p. 7, 2006b.

Araújo, Samuel; Paz, G. Leal. “Música, linguagem e política: repensando o papel de uma práxis sonora”. *Terceira Margem* (Rio de Janeiro), v. 25, p. 211-231, 2011.

Araújo, Samuel; Paz, Gaspar Leal; Cambria, Vincenzo (orgs.). *Música em debate: perspectivas interdisciplinares*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. (2ª ed. 2012)

Araújo, Samuel; Peres, Olavo; Rubião, Marcelo; Lima, H. C. Neres. “Entre palcos, ruas e salões: processos de circularidade cultural na música dos ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro (1890-1930)”. *Em Pauta*, UFRGS, Porto Alegre, v. 16, p. 73-94, 2006c.

Araújo, Samuel; Silva, José Alberto Salgado e. “Musical knowledge, transmission, and worldviews: ethnomusicological perspectives from Rio de Janeiro, Brazil”. *The World of Music* (Wilhelmshaven), v. 51, n. 3, p. 75-90, 2011.

Araújo, Samuel; Fuks, Leonardo; Pinto, Yahn Wagner; Amaral, Ulisses. “Diálogos entre a acústica musical e a etnomusicologia: um estudo de caso de estilos vocais no samba carioca”. *Per Musi* (UFMG, Belo Horizonte), v. 7, p. 52-67, 2003.

Canclini, Nestor Garcia. *Las culturas populares en el capitalismo*. Mexico, D.F.: Nueva Imagen, 1982.

Dias da Silva, Alexandre. *A música em projetos sociais na Maré: uma abordagem etnomusicológica*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2011.

Duque, Eduardo Antonio. *O pulo do gato: reflexões de um pesquisador nativo sobre uma escola de samba carioca*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2007.

Sandroni, Carlos. “Apontamentos sobre a história e perfil institucional da etnomusicologia no Brasil”. *Revista USP* (São Paulo), n. 77, p. 66-75, março/maio 2008.

SAMUEL MELLO DE ARAÚJO JÚNIOR é Professor Titular da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.